

# 1

Desde finais de 1811 que começou a intensificar-se na Europa Ocidental o armamento e a concentração de forças, forças estas — milhões de homens (incluindo os que transportavam e alimentavam as tropas) — que em 1812 se puseram em movimentação, de ocidente para leste, até às fronteiras da Rússia, onde também já se concentravam, desde 1811, as forças russas. No dia 12 de Junho, estas forças ocidentais atravessaram as fronteiras e começou a guerra, ou seja, um acontecimento contrário à razão e a toda a natureza humana. Milhões de pessoas cometiam mutuamente tantos e tão grandes crimes, falsidades, traições, roubos, falsificações, inclusive de papel-moeda, assaltos, incêndios e assassínios que os autos de séculos inteiros dos tribunais de todo o mundo não conseguiriam juntar nada de semelhante e que, neste período, não eram encarados como crimes pelas pessoas que os cometiam.

O que deu origem a tal extraordinário acontecimento? Quais as suas causas? Afirmam os historiadores, com ingénua convicção, que as causas foram a ofensa feita ao duque de Oldenburgo, o não cumprimento do sistema continental\*, a sede de poder por parte de Napoleão, a firmeza de Alexandre I, os erros dos diplomatas, etc.

Por esta lógica, bastava que Metternich, Rumiântsev ou Talleyrand, entre uma audiência e um *roul*<sup>1</sup>, fizessem um bom esforço para redigirem com mais arte uma nota, ou que Napoleão escrevesse a Alexandre: *Monsieur mon frère, je consens à rendre le duché au duc d'Oldenbourg*<sup>2</sup> — e não haveria guerra.

É compreensível que os contemporâneos imaginassem assim esta história. É compreensível que, a Napoleão, parecesse que as causas da

---

<sup>1</sup> [...] festa mundana (ing.).

<sup>2</sup> Senhor meu irmão, aceito devolver o ducado ao duque de Oldenburgo (fr.).

guerra eram as intrigas da Inglaterra (como diria na ilha de Santa Helena); é compreensível que aos membros do parlamento inglês parecesse que a causa da guerra era a sede de poder de Napoleão; que ao duque de Oldenburgo parecesse que a causa da guerra era a violência cometida contra ele; que aos comerciantes parecesse que a causa da guerra era o sistema continental que arruinava a Europa; que aos velhos soldados e generais parecesse que a causa principal era a necessidade de os pôr em acção; que aos legitimistas daquela época parecesse que era necessário restabelecer *les bons principes*; que aos diplomatas parecesse que tudo aconteceu porque a aliança da Rússia com a Áustria em 1809 não tinha sido escondida de Napoleão com a espartezza suficiente e porque o memorando n.º 178 tinha sido escrito de forma incorrecta. Compreende-se que estas causas (e ainda um número incontável de outras, dependentes de enorme variedade de pontos de vista) se tivessem configurado perante os contemporâneos; mas para nós, os descendentes, ao contemplarmos em toda a sua envergadura gigantesca um tal acontecimento e ao penetrarmos no seu sentido simples e medonho, essas causas afiguram-se-nos insuficientes. Para nós é incompreensível que milhões de cristãos se matassem e martirizassem uns aos outros porque Napoleão tinha a ânsia do poder, porque Alexandre era firme, porque a política da Inglaterra era manhosa, porque o duque de Oldenburgo tinha sido ofendido. É impossível compreender-se que ligação pode haver entre estas circunstâncias e o próprio facto da mortandade e da violência; por que razão, na sequência da ofensa ao duque, milhares de pessoas do outro extremo da Europa matassem e arruinassem pessoas da província de Smolensk e de Moscovo e fossem mortas por estas.

Para nós, os descendentes — se não formos historiadores nem nos deixarmos arrebatado pelo processo de investigação e, por isso, contemplarmos o acontecimento com um bom senso comum não obscurecido —, as causas do acontecimento apresentam-se em quantidade inumerável. Quanto mais nos aprofundamos na procura das causas, mais causas descobrimos, e mais elas se nos afiguram justas, em igual medida, quando vistas em separado; e falsas, dada a sua insignificância em comparação com a envergadura do acontecimento, e a sua incapacidade (sem a participação de todas as outras causas coincidentes) de produzirem o acontecimento. Afigura-se-nos que o desejo, ou a falta de desejo, de um furriel francês de se alistar de novo no exército é uma causa tão válida como a da recusa de Napoleão em fazer recuar as suas tropas para aquém do Vístula e em devolver o ducado de Oldenburgo: porque, se o furriel não quisesse ir para o serviço militar, e o não quisesse outro, e um terceiro,

e um milésimo furriel ou soldado, o exército de Napoleão teria menos efectivos e não poderia haver uma guerra.

Se Napoleão não tivesse considerado um insulto a exigência de recuar para trás do Vístula e não tivesse dado ordem de avançar às tropas, não haveria guerra; mas se todos os sargentos tivessem desejado não voltar às fileiras, também não haveria guerra. Também não haveria guerra se não tivesse havido intrigas da Inglaterra, nem existisse o duque de Oldenburgo, nem o sentimento de insulto por parte de Alexandre, nem o poder autocrático na Rússia, nem a Revolução Francesa e o subsequente regime ditatorial e imperial, nem tudo o resto que a Revolução Francesa produziu, etc. Bastava a inexistência de alguma destas causas para nada ter acontecido. Portanto, foram todas estas causas — milhares de milhões delas — que coincidiram para produzir o que foi produzido. Por conseguinte, não houve causa exclusiva do acontecimento, o acontecimento deu-se apenas porque sim. Milhões de pessoas, renegando os seus sentimentos humanos e a sua razão, tinham de avançar do Ocidente para o Leste e matar os seus semelhantes, do mesmo modo que, séculos atrás, marchavam do Oriente para o Ocidente multidões que matavam os seus semelhantes.

As acções de Napoleão e Alexandre, de cujas palavras dependia supostamente que o acontecimento se desse ou não, foram tão pouco arbitrárias como as acções de qualquer soldado que entrou em campanha tirado à sorte ou por mobilização. Não podia ter sido de outro modo porque, para serem cumpridas as vontades de Napoleão e Alexandre (de quem, supostamente, dependia o acontecimento), era necessária a coincidência de inúmeras circunstâncias, bastando que falhasse uma para que o acontecimento não se desse. Foi necessário que os milhões de pessoas que tinham nas mãos a verdadeira força (os soldados que disparavam, transportavam as provisões e os canhões) concordassem em cumprir a vontade de homens singulares e fracos, tendo sido levados a isso por inúmeras causas complexas e variadas.

Para explicar os fenómenos insensatos (ou seja, aqueles cuja sensatez não compreendemos), é inevitável o fatalismo histórico. Quanto mais tentamos explicar sensatamente tais fenómenos da história, tanto mais insensatos e incompreensíveis eles se tornam para nós.

Cada um vive para si próprio, usufrui da liberdade de alcançar os seus objectivos pessoais e sente, com todo o seu ser, que pode, num dado momento, fazer ou não fazer determinado acto; porém, logo que este acto se realiza, torna-se irremediável e fica apanágio da história, sem significado livre mas sim predestinado.

Há dois lados na vida de qualquer homem: a vida pessoal, tanto mais livre quanto mais abstractos são os interesses dessa vida, e a vida espontânea, de enxame, em que o homem cumpre inevitavelmente as leis prescritas.

O homem, conscientemente, vive para si mesmo, mas serve de instrumento inconsciente para a consecução dos objectivos históricos, universais. O acto consumado é irremediável, e o seu efeito, coincidindo no tempo com milhões de actos de outras pessoas, adquire um significado histórico. Quanto mais alta for a posição do homem na escala social e quanto maior for o número de pessoas a que está ligado, tanto mais poder terá sobre os outros homens e tanto mais evidente será a predestinação e a inevitabilidade de qualquer dos seus actos.

«O coração do rei está nas mãos de Deus.»\*

O rei é escravo da história.

A história, ou seja, a vida de enxame inconsciente e geral da humanidade, aproveita cada minuto da vida dos reis como instrumento para os seus objectivos.

Napoleão, apesar de agora, em 1812, lhe parecer, mais do que nunca, que dependia dele *verser* ou não *verser le sang de ses peuples*<sup>3</sup> (como lhe escrevia Alexandre na sua última carta), nunca antes esteve mais sujeito do que agora às leis inevitáveis que o obrigavam (estando ele convencido de que agia por sua livre vontade) a fazer para a causa geral, para a história, aquilo que tinha de ser feito.

Era para a matança mútua que as pessoas se moviam do Ocidente para o Leste. E, pela lei da coincidência das causas, adaptaram-se de *per se* e coincidiram com este acontecimento milhares de pequenas causas desta movimentação e da guerra: as acusações pelo não cumprimento do sistema continental, o duque de Oldenburgo, o avanço das tropas para a Prússia feito apenas (segundo pensava Napoleão) para conseguir a paz armada; e o amor e o hábito da guerra por parte do imperador francês, coincidentes com o estado de ânimo do seu povo; e o entusiasmo pela grandiosidade das preparações militares, as despesas com tais preparações e a necessidade de obter vantagens que pagassem estas despesas; e as honras inebriantes em Dresden; e as conversações diplomáticas que, do ponto de vista dos contemporâneos, eram travadas com o sincero desejo de conseguir a paz e que apenas feriam o amor-próprio de ambas as partes; e os biliões de outras causas que se foram moldando ao acontecimento iminente e coincidiram com ele.

---

<sup>3</sup> [...] derramar [...] ou não derramar o sangue dos seus povos (fr.).

Quando uma maçã amadurece e cai da árvore, por que razão é que ela cai? Porque gravita para a terra, porque lhe seca o pedículo, ou porque o sol seca o fruto, ou porque este se torna pesado, ou porque o vento o sacode, ou porque o rapaz debaixo da árvore quer comê-lo?

Nada disso é a causa. Tudo isso é apenas a coincidência das condições em que se produz qualquer acontecimento vital, orgânico e espontâneo. E o botânico que achar que a maçã cai porque o tecido celular se decompõe, e assim por diante, terá tanta razão e não terá razão alguma como o rapaz que, debaixo da árvore, disser que a maçã caiu porque lhe apetecia comê-la e porque rezou para que ela caísse. Da mesma forma, terá e não terá razão aquele que disser que Napoleão avançou para Moscovo porque assim o quis e que fracassou porque Alexandre quis que ele fracassasse; também assim, tem e não tem razão aquele que disser que um monte de um milhão de arrobas socavado caiu porque o último operário lhe deu o último golpe de picareta. Nos acontecimentos históricos, os assim chamados grandes homens são etiquetas que dão o nome ao acontecimento e que, como etiquetas que são, têm um mínimo de ligação com o acontecimento em si.

Qualquer acção deles, por mais voluntária que lhes pareça, no sentido histórico é involuntária e encontra-se em ligação com todo o devir da história, estando determinada desde sempre.

## 2

No dia 29 de Maio, Napoleão saiu de Dresden, onde passara três semanas, rodeado pela corte composta por príncipes reais, duques, reis e, até, um imperador. Antes da partida, Napoleão acarinhou os príncipes, os reis e o imperador que o mereciam, admoestou os reis e os príncipes com quem não estava muito satisfeito, ofereceu pérolas e diamantes seus (ou seja, tirados aos outros reis) à imperatriz austríaca e, tendo abraçado com ternura a imperatriz Maria Luísa, como diz o seu cronista\*, deixou-a tão triste com a despedida que ela — esta Maria Luísa, considerada sua esposa, apesar de haver uma outra esposa em Paris\* — parecia incapaz de aguentar. Apesar de os diplomatas ainda acreditarem com firmeza na possibilidade da paz e trabalharem aplicadamente nesse sentido, apesar de o imperador Napoleão escrever de seu próprio punho uma carta ao imperador Alexandre tratando-o por *Monsieur mon frère* e assegurando-lhe sinceramente que não desejava a guerra e que sempre o amaria e respeitaria, dirigia-se ao mesmo tempo ao encontro do seu exército e, a cada estação, dava novas ordens visando acelerar o movimento das tropas de ocidente para leste. Ia num coche de viagem atrelado a seis cavalos, rodeado pelos pajens, pelos ajudantes-de-campo e pela escolta, pela estrada de Posen, Thorn, Dantzig e Kœnigsberg. Em cada uma destas cidades foi recebido com temor e admiração por milhares de pessoas.

Os seis cavalos de muda iam-no levando de oeste para leste, a mesma direcção do seu exército. A 10 de Junho alcançou o exército e pernitoou na floresta de Wilkowiski, nuns aposentos preparados para ele na herdade de um conde polaco.

No dia seguinte, Napoleão ultrapassou de caleche o exército e aproximou-se do Niémen; para examinar o local a vau, vestiu um uniforme polaco e entrou na beira do rio.

Ao ver na outra banda os cossacos (*les Cosaques*) e as vastas estepes (*les Steppes*) nos confins das quais imaginou *Moscou la ville sainte*<sup>4</sup>, capital de um Estado como o dos Citas que Alexandre Magno acometera, Napoleão, inesperadamente para todos e contrariando todas as considerações tanto estratégicas como diplomáticas, deu a ordem de ofensiva e, no dia seguinte, as suas tropas começaram a atravessar o Niémen.

No dia 12, de manhã cedo, Napoleão saiu da tenda montada na abrupta margem esquerda do Niémen e pôs-se a olhar pelo óculo de alcance as torrentes das suas tropas saindo da floresta de Wilkowski e inundando as três pontes sobre o Niémen. As tropas sabiam que o imperador estava ali, procuravam-no com os olhos e, quando enxergavam no monte, em frente da tenda, um vulto de sobrecasaca e chapéu separado da comitiva, atiravam os chapéus ao ar e gritavam: «Vive l'Empereur!», ao mesmo tempo que, num caudal ininterrupto e infundável, se vertiam e vertiam da enorme floresta que os tinha escondido e, dividindo-se em três ramais, passavam para a outra banda pelas três pontes.

— *On fera du chemin cette fois-ci. Oh! quand il s'en mêle lui-même ça chauffe... Nom de Dieu... Le voilà!... Vive l'Empereur! Les voilà donc les steppes de l'Asie! Vilain pays tout de même! A revoir Beauché; je te réserve le plus beau palais de Moscou. A revoir! Bonne chance... L'as-tu vu, l'Empereur? Vive l'Empereur!... Si on me fait gouverneur aux Indes, Gérard, je te fais ministre du Cachemire, c'est arrêté. Vive l'Empereur! Vive! vive! vive! Les gredins de Cosaques, comme ils filent. Vive l'Empereur! Le voilà! Le vois-tu? Je l'ai vu deux fois comme je te vois. Le petit caporal... Je l'ai vu donner la croix à l'un des vieux... Vive l'Empereur!*<sup>5</sup> — diziam velhos e novos, dos mais variados caracteres e posições sociais. O início da campanha, havia tanto esperada, e a admiração abnegada pelo homem da sobrecasaca cinzenta que estava no alto do monte davam a todas as caras a mesma expressão alegre.

A 13 de Junho, levaram um pequeno puro-sangue árabe a Napoleão, que o montou; enquanto galopava para uma das pontes sobre o Niémen, os gritos entusiasmados não paravam de o ensurdecer, o que ele, pelos

---

<sup>4</sup> Moscovo, a cidade santa (fr.).

<sup>5</sup> Desta vez vamos andar. Oh, quando é ele a tratar das coisas, isto ferve... Juro por Deus... Lá está ele!... Viva o Imperador! Ei-las, as estepes da Ásia! Malditas terras, mesmo assim! Até breve, Beauché; reservo-te o palácio mais bonito de Moscovo. Até breve! Boa sorte... Viste-o, ao Imperador? Viva o Imperador!... Se me puserem como governador das Índias, Gérard, faço de ti ministro de Caxemira, está dito. Viva o Imperador! Viva! Viva! Viva! Os malandros dos cossacos, como eles correm. Viva o Imperador! Lá está ele! Estás a vê-lo? Eu vi-o duas vezes, como te vejo agora a ti. O furrielzito!... Vi-o dar a cruz a um veterano... Viva o Imperador! (fr.).

vistos, apenas suportava porque não podia proibir aquela expressão de amor por ele; mas esses gritos que o acompanhavam por todo o lado incomodavam-no e distraíam-no da preocupação militar que o dominava desde que se juntara ao exército. Passou para a outra margem por uma das pontes, que baloiçava sobre os barcos, virou bruscamente para a esquerda e galopou na direção de Kovno, precedido pelos caçadores da guarda de cavalaria que, entusiasmados, lhe abriam caminho por entre as tropas que cavalgavam à frente. Quando se aproximou do largo rio Vilia, parou junto ao regimento de ulanos polacos.

— *Vivat!* — gritavam os polacos com o mesmo entusiasmo, desalinhando as fileiras e apertando-se para o verem. Napoleão examinou o rio, depois apeou-se e sentou-se num tronco derrubado na margem. A um gesto seu chegaram-lhe o óculo de alcance, que ele apoiou nas costas de um pajem que acorrera todo feliz, e pôs-se a olhar para a outra banda. Depois mergulhou no estudo de um mapa estendido entre os troncos. Disse qualquer coisa sem levantar a cabeça, e logo dois ajudantes-de-campo galoparam para junto dos ulanos polacos.

— O quê? O que foi que ele disse? — ouviu-se nas fileiras dos ulanos polacos quando um dos ajudantes-de-campo se aproximou deles.

A ordem era encontrar o vau e passar para o outro lado. O coronel dos ulanos polacos, um velho bem apessoado, corando e atrapalhando-se de emoção, perguntou ao ajudante-de-campo se lhe permitiriam atravessar o rio a nado com os seus ulanos, sem procurar o vau. Com um visível medo nos olhos de que lhe fosse recusado o pedido, pedia aquela autorização de atravessar o rio a nado aos olhos do imperador como um garoto pede que o deixem montar um cavalo. O ajudante-de-campo disse que, por certo, o imperador não ficaria descontente com tal exagero de zelo.

Mal o ajudante-de-campo disse isto, o velho e embigodado oficial, com a felicidade na cara e os olhos a brilharem, gritou «*Vivat!*» e, ordenando aos ulanos que o seguissem, esporeou o cavalo e aproximou-se da margem a galope. Incitou com raiva o cavalo que hesitava e saltou para a água, dirigindo-se para o meio do rio de corrente rápida. Centenas de ulanos seguiram-no. No meio das impetuosas águas do rio estava frio e era um pavor. Os ulanos agarravam-se uns aos outros, caíam dos cavalos, alguns dos quais afogavam-se, afogavam-se também as pessoas, os outros tentavam nadar agarrados às crinas dos cavalos ou sentados nas selas. Tentavam nadar para o outro lado quando, a meia verstá\*, podiam passar a vau, mas sentindo orgulho por nadarem e se afogarem à vista do homem sentado no tronco da margem e que nem sequer atentava no que eles estavam a fazer. Quando o ajudante-de-campo voltou e ficou à espera do melhor momento para chamar a atenção do imperador para



a dedicação dos polacos à sua pessoa, o homenzinho de sobrecasaca cinzenta levantou-se e, chamando Berthier, pôs-se a passear com ele pela margem, para a frente e para trás, dando-lhe ordens e, de vez em quando, lançando olhares descontentes para os ulanos que se afogavam e lhe distraíam a atenção.

Não era nova para ele a convicção de que a sua presença, fosse em que confins do mundo fosse, desde a África às estepes de Moscóvia, impressionava de maneira idêntica as pessoas e lançava-as numa loucura de abnegação por ele. Pediu o cavalo e regressou ao seu acampamento.

Morreram afogados no rio uns quarenta ulanos, apesar de terem ido barcos em seu socorro. A maioria dos homens foram arrastados de volta para a margem de onde se lançaram. O coronel e mais alguns homens chegaram a atravessar o rio e saíram, a grande custo, para a margem. E logo que saíam da água com as fardas a escorrer e coladas ao corpo, gritavam «Vivat!», olhando com enlevo para o sítio onde estivera e já não estava Napoleão; para eles era um momento de felicidade.

Ao princípio da noite, Napoleão, entre duas das suas ordens — a urgência de fazer chegar à Rússia as notas bancárias russas falsas já preparadas e o fuzilamento de um saxónio de quem fora interceptada uma carta com informações sobre as movimentações do exército francês —, deu uma terceira ordem: a de conferir a *Légion d'honneur* (o próprio Napoleão era o chefe da Legião de Honra) ao coronel polaco que, sem qualquer necessidade, se atirara ao rio.

*Quos vult perdere dementat.*<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> A quem [Júpiter] quer levar à perdição, tira-lhes a razão (lat.).

### 3

Entretanto, havia já mais de um mês que o imperador russo estava em Vilna, passando revistas às tropas e assistindo aos exercícios militares. O imperador partira de Petersburgo com a intenção, precisamente, de preparar a guerra de que toda a gente estava à espera, mas nada estava pronto para a guerra. Não havia um plano geral de operações. Um mês de presença do imperador no quartel-general apenas fez aumentar ainda mais as hesitações quanto à aprovação de um dos planos propostos. Cada um dos três exércitos tinha o seu comandante-em-chefe, mas não havia um comandante único para todas as tropas, não se encarregando também o imperador deste título.

Quanto mais tempo passava sobre a estada do imperador em Vilna, tanto menos as tropas se preparavam para a guerra e mais se cansavam de a esperar. Parecia que a principal aspiração das pessoas que rodeavam o imperador era que ele, mediante passatempos agradáveis, se esquecesse da guerra iminente.

Depois de muitos bailes e festas nas casas dos grandes senhores polacos, dos cortesãos e do próprio imperador, um dos generais ajudantes-de-campo de sua majestade teve a ideia, em Junho, de dar, em nome de todos os generais ajudantes-de-campo, um banquete com baile em honra do imperador. A ideia foi aprovada por todos com prazer. Sua majestade exprimiu o seu consentimento. Os generais ajudantes-de-campo juntaram o dinheiro por subscrição. A senhora que mais agradaria ao imperador foi convidada para ser a anfitriã do baile. O conde Bennigsen, proprietário rural da província de Vilna, pôs o seu pomar à disposição e, para o dia 13 de Junho, foi então marcado o banquete, o baile, o passeio em barcos e o fogo-de-artifício em Zakret, local do pomar de campo do conde Bennigsen. No mesmo dia em que Napoleão deu ordem de travessia do Niémen e as suas tropas de vanguarda,

rechaçando os cossacos, passaram a fronteira russa, Alexandre estava numa festa no pomar de Bennigsen — um baile dado pelos generais ajudantes-de-campo.

Foi uma festa alegre e brilhante; os conhecedores diziam que raramente se juntavam tantas mulheres belas no mesmo lugar. A condessa Bezúkhova que, vinda de Petersburgo juntamente com outras senhoras russas, chegara a Vilna atrás do imperador, também estava no baile, ofuscando com a sua beleza pesada, dita russa, as esmeradas senhoras polacas. Sua majestade reparou nela e dignou-a com uma dança.

Boris Drubetskói, tendo deixado a esposa em Moscovo, também estava no baile, como um solteiro (*en garçon*, como ele dizia), e embora não fosse general ajudante-de-campo também participou na subscrição, oferecendo uma importância considerável. Boris era agora um homem rico, que subira muito em honrarias e já não precisava de procurar protecções porque estava em pé de igualdade com os seus coetâneos altamente colocados.

À meia-noite ainda se dançava. Hélène, que não tinha ali cavalheiro à sua altura, ofereceu uma mazurca a Boris. Formavam o terceiro par. Boris olhava com sangue-frio para os deslumbrantes ombros desnudos de Hélène, sobressaindo de um vestido de gaze escura e dourada, contando-lhe sobre os velhos conhecidos de ambos; ao mesmo tempo, imperceptivelmente (mesmo para si mesmo), não deixava, nem por um segundo, de observar sua majestade que estava na mesma sala. Sua majestade não dançava; estava perto da porta, fazendo parar uma ou outra pessoa para lhe dizer aquelas palavras de carinho que só ele sabia dizer.

No princípio da mazurca, Boris viu que o general ajudante-de-campo Balachov, uma das pessoas mais próximas de sua majestade, se aproximara mais perto deste (que falava com uma senhora polaca) do que permitiam as regras de etiqueta. Acabada a conversa, sua majestade olhou interrogativamente para Balachov e, percebendo que Balachov se aproximara assim porque tinha razões de peso para isso, fez um aceno de cabeça ligeiro à senhora e virou-se para Balachov. Mal este começou a falar, pintou-se a surpresa na cara do imperador. Pegou Balachov pelo braço e pôs-se a andar com ele pela sala, sem a consciência de que as pessoas lhe abriam um caminho de três braças de largura. Boris reparou também na cara emocionada de Araktchéev no momento em que sua majestade começou a andar ao lado de Balachov. Araktchéev, olhando de soslaio para o imperador e fungando do seu nariz vermelho, avançou por entre a multidão, como se esperasse que sua majestade se lhe dirigisse. (Boris percebeu que Araktchéev invejava Balachov e não lhe agradava que uma notícia, pelos vistos importante, não fosse transmitida ao imperador por ele, Araktchéev.)

Sua majestade e Balachov, porém, passaram sem prestar atenção a Araktchéev, indo na direção da porta que dava para o jardim iluminado. Araktchéev, sustendo a espada com a mão e olhando raivosamente à sua volta, seguiu-os à distância de vinte passos.

Enquanto Boris executava os passos da mazurca, as suas reflexões sobre que notícia seria aquela trazida por Balachov e sobre a maneira de a conhecer antes de todos os outros nem por um instante o deixaram em paz.

Numa figura em que ele tinha de escolher a dama, Boris sussurrou a Hélène que gostaria de escolher a condessa Potocka que, pelos vistos, saíra para a varanda; depois, deslizando pelo parqué, atravessou a porta que dava para o jardim e, vendo que o imperador entrava com Balachov no terraço, parou. Sua majestade e Balachov vinham na direção da porta. Boris, apressando-se e como se já não tivesse tempo de se afastar, apertou-se respeitosamente contra a ombreira e inclinou a cabeça.

O imperador, com a emoção do homem pessoalmente ofendido, estava a acabar, dizendo o seguinte:

— Invadir a Rússia sem declaração de guerra. Apenas aceitarei a paz quando não houver na minha terra nem um inimigo armado. — Segundo pareceu a Boris, sua majestade pronunciara estas palavras com prazer: estava contente com a forma como exprimira a sua ideia, mas por certo descontente por Boris o ter ouvido.

— Ninguém pode saber nada disto! — acrescentou, carregando o sobrolho. Boris percebeu que aquelas palavras lhe eram dirigidas e, fechando os olhos, inclinou ligeiramente a cabeça. O imperador voltou para a sala e ficou mais meia hora no baile.

Boris foi, portanto, o primeiro a saber da travessia do Niémen pelos franceses e, graças a isso, teve a oportunidade de mostrar a algumas pessoas importantes que, por vezes, tinha acesso a muita informação secreta, aproveitando assim a oportunidade de subir na opinião dessas pessoas.

A inesperada notícia da passagem do Niémen pelos franceses era ainda mais inesperada devido àquele mês inteiro de espera inútil e, mais ainda, por ter sido recebida em pleno baile! A frase que o imperador proferira logo após ouvir a notícia, sob o efeito da indignação e da ofensa, uma frase que viria a ficar célebre e que a si mesmo agradara, exprimia plenamente os seus sentimentos. De volta a casa, depois do baile, às duas da manhã, o imperador mandou chamar o secretário Chichkov e disse-lhe para redigir a ordem para o exército e o édito para o marechal-de-campo príncipe Saltikov, com a exigência

obrigatória de introduzir no édito as palavras de que não faria a paz enquanto houvesse um único francês armado na terra russa.

No dia seguinte foi redigida a carta para Napoleão:

«Monsieur mon frère. J'ai appris hier que malgré la loyauté avec laquelle j'ai maintenu mes engagements envers Votre Majesté, ses troupes ont franchi les frontières de la Russie, et je reçois à l'instant de Pétersbourg une note par laquelle le comte Lauriston, pour cause de cette agression, annonce que Votre Majesté s'est considérée comme en état de guerre avec moi dès le moment où le prince Kourakine a fait la demande de ses passeports. Les motifs sur lesquels le duc de Bassano fondait son refus de les lui délivrer, n'auraient jamais pu me faire supposer que cette démarche servirait jamais de prétexte à l'agression. En effet, cet ambassadeur n'y a jamais été autorisé comme il l'a déclaré lui-même, et aussitôt que j'en fus informé, je lui ai fait connaître combien je le désapprouvais en lui donnant l'ordre de rester à son poste. Si Votre Majesté n'est pas intentionnée de verser le sang de nos peuples pour un malentendu de ce genre et qu'elle consente à retirer ses troupes du territoire russe, je regarderai ce qui s'est passé comme non avenu, et un accommodement entre nous sera possible. Dans le cas contraire, Votre Majesté, je me verrai forcé de repousser une attaque que rien n'a provoquée de ma part. Il dépend encore de Votre Majesté d'éviter à l'humanité les calamités d'une nouvelle guerre.

Je suis, etc.

(signé): Alexandre.»<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> «Senhor meu irmão. Soube ontem que, apesar da lealdade com que tenho honrado os meus compromissos para com Vossa Majestade, as suas tropas passaram as fronteiras da Rússia, e acabo de receber há instantes de Petersburgo uma nota segundo a qual o conde Lauriston, devido a esta agressão, informa que Vossa Majestade passou a considerar-se em estado de guerra comigo a partir do momento em que o príncipe Kurákin fez o pedido dos seus passaportes. Os motivos nos quais o duque de Bassano fundamentava a sua recusa em passar-lhos, nunca poderiam ter-me levado a supor que este trâmite alguma vez servisse de pretexto para a agressão. Com efeito, este embaixador nunca foi autorizado para tal, como ele próprio declarou, e logo que fui informado dei-lhe a saber o quanto o desaprovava, dando-lhe a ordem de ficar no seu posto. Se Vossa Majestade não tem a intenção de derramar o sangue dos nossos povos por um mal-entendido deste género e consente em retirar as suas tropas, considerarei o que se passou como se não tivesse acontecido, e será então possível um acordo entre nós. Caso contrário, Vossa Majestade, ver-me-ei forçado a rechazar um ataque que nada da minha parte provocou. Depende ainda de Vossa Majestade evitar à humanidade as calamidades de uma nova guerra.

Sou, etc.

(assinatura): Alexandre.»

## 4

No dia 13 de Junho, às duas da madrugada, sua majestade mandou chamar Balachov e, depois de lhe ler a carta para Napoleão, deu-lhe ordem para a entregar em mão ao imperador francês. O imperador voltou a repetir a Balachov as palavras de que não faria a paz enquanto na terra russa permanecesse um único inimigo armado, dando-lhe também a ordem de, *obrigatoriamente*, transmitir estas palavras a Napoleão. Sua majestade não escreveu estas palavras na carta porque o instinto lhe dizia que, no momento em que se fazia a última tentativa de reconciliação, elas eram inconvenientes; porém, insistiu com Balachov para que as transmitisse oralmente a Napoleão.

Balachov, partindo na madrugada de 14 de Junho, acompanhado por um cornetim e dois cossacos, chegou ao amanhecer à aldeia de Rykonty, local dos postos avançados franceses deste lado do Niémen. Foi mandado parar por duas sentinelas da cavalaria francesa.

Um sargento dos hussardos franceses, de túnica carmesim e gorro fel-pudo, gritou a Balachov a ordem de parar. Balachov não parou de imediato, continuando a avançar a passo pelo caminho. O sargento, carregando o sobrolho e resmungando pragas, mandou o seu cavalo contra Balachov, levou a mão ao sabre e gritou com grosseria ao general russo, perguntando-lhe: é surdo, não ouve o que lhe dizem? Balachov apresentou-se. O sargento mandou um soldado avisar o oficial.

Sem prestar mais atenção a Balachov, o sargento pôs-se a conversar com os seus camaradas sobre assuntos do regimento e não olhava para o general russo.

Para Balachov, que lidava de perto com o poder mais alto, tendo conversado ainda três horas antes com o imperador, e habituado, em geral, a todas as honras no seu serviço, era estranhíssimo aquele tratamento hostil e, sobretudo, desrespeitoso por parte da força bruta.

O sol começava a levantar-se no meio das nuvens; o ar era fresco e orvalhado. Levavam pelo caminho o gado da aldeia. Nos campos piavam e esvoaçavam umas atrás das outras as cotovias.

Balachov olhava à sua volta, aguardando que chegasse da aldeia o oficial. Os cossacos e o cornetim russo, de um lado, e os hussardos franceses, do outro, olhavam-se de vez em quando em silêncio.

O coronel de hussardos francês, por certo acabado de se levantar da cama, saiu da aldeia montado num cavalo cinzento bonito e farto; acompanhavam-no dois hussardos. O oficial, os soldados e os cavalos tinham um ar contente e brioso.

Era aquele primeiro tempo de campanha em que as tropas ainda se apresentavam numa ordem perfeita, quase a mesma das pacíficas revistas militares, apenas com o toque de ufana belicosidade nas fardas e com um toque moral de alegria e espírito aventureiro que são sempre próprios dos princípios de campanha.

O coronel francês continha a grande custo os bocejos mas era educado e, pelos vistos, apercebia-se da importância de Balachov. Levou-o para dentro da linha avançada, passando ao lado dos seus soldados, dizendo-lhe que o seu desejo de ser introduzido junto do imperador seria por certo satisfeito rapidamente, uma vez que o quartel-general do imperador, tanto quanto ele sabia, se encontrava perto.

Passaram a aldeia de Rykonty, junto às estacas onde estavam presos os cavalos dos hussardos, as sentinelas e os soldados franceses que saudavam o seu coronel e observavam com curiosidade o fardamento russo, e saíram da aldeia pelo outro lado. O coronel informou que a dois quilómetros dali estaria o chefe da divisão, que receberia Balachov e o acompanharia ao seu destino.

O sol já ia mais alto e brilhava alegremente na verdura.

Contornaram a taberna e subiram a colina quando, ao encontro deles, apareceu no sopé um grupo de cavaleiros, encabeçado por um homem alto de chapéu emplumado, cabelo até aos ombros frisado, capa vermelha e pernas longas espetadas para a frente (a maneira de montar dos franceses) em cima de um cavalo murzelo com os arreios a brilharem ao sol. O homem, esvoaçando e brilhando sob o forte sol de Junho, galopava ao encontro de Balachov com todos os seus penachos, pedras preciosas e galões dourados.

O cavaleiro, com uma cara teatralmente solene, as suas pulseiras, penas, colares e ouros, já estava a uma distância de dois cavalos de Balachov quando Ulner, o coronel francês dos hussardos, murmurou respeitosamente: «Le roi de Naples.» Efectivamente, era Murat, chamado agora de rei de Nápoles. Embora fosse perfeitamente incompreensível a razão por que era ele o rei de Nápoles, assim o designavam, estando

ele próprio tão convencido disso que tinha um ar mais solene e importante do que antes. A sua certeza de que era realmente o rei de Nápoles era tão forte que, na véspera da sua partida de Nápoles, num passeio que fez pelas ruas com a mulher, ao ouvir vários italianos gritarem-lhe: «Viva il re!», virou-se para a esposa com um sorriso triste e disse: «Les malheureux, ils ne savent pas que je les quitte demain!»<sup>8</sup>

Porém, apesar da sua fé inabalável de ser o rei de Nápoles e de lamentar a desgraça dos súbditos que abandonava, nos últimos tempos, depois de ter recebido a ordem de voltar ao serviço militar e, sobretudo, depois do encontro com Napoleão em Dantzic, quando o augustíssimo cunhado lhe disse: «Je vous ai fait roi pour régner à ma manière mais pas à la vôtre»<sup>9</sup>, voltou alegremente às suas ocupações familiares e, tal como um cavalo cevado mas não obeso, ao sentir-se atrelado e pronto para o serviço, o rei dançou entre os varais e, ataviado de maneira mais cara e multicor, alegre e contente, meteu, sem saber para onde e para quê, pelos caminhos da Polónia.

Ao ver o general russo, lançou para trás a cabeça de cabelo até aos ombros e frisado, à maneira real, solene, e olhou de modo interrogativo para o coronel francês. O coronel, respeitosamente, informou sua majestade sobre qual era a missão de Balachov, cujo nome não conseguia pronunciar.

— *De Bal-macheve!* — disse o rei (ultrapassando com ousadia a dificuldade do coronel) —, *charmé de faire votre connaissance, général*<sup>10</sup> — acrescentou com um gesto de benevolência real. Porém, mal o rei começou a falar alto e depressa, toda a dignidade real o abandonou num instante e, sem dar por isso, assumiu o tom bondosamente familiar próprio dele. Pousou a mão na crina do cavalo de Balachov.

— *Eh bien, général, tout est à la guerre, à ce qu'il paraît*<sup>11</sup> — disse ele, como se lamentasse uma circunstância que não estava em condições de julgar.

— *Sire* — respondeu Balachov —, *l'Empereur mon maître ne désire point la guerre, comme Votre Majesté le voit*.<sup>12</sup> — Balachov introduzia volta e meia este «*Votre Majesté*», com a afectação que resulta da repetição do título quando nos dirigimos a uma pessoa, sobretudo quando, para essa pessoa, o título é ainda uma novidade.

---

<sup>8</sup> «Infelizes, não sabem que amanhã os vou deixar!» (fr.).

<sup>9</sup> «Fi-lo rei para reinar à minha maneira e não à sua» (fr.).

<sup>10</sup> [...] muito prazer em conhecê-lo, general (fr.).

<sup>11</sup> Pois é, general, parece que tudo aponta para a guerra (fr.).

<sup>12</sup> Senhor [...] o Imperador, meu senhor, de modo nenhum deseja a guerra, como Vossa Majestade vê (fr.).



A cara de Murat, ouvindo *monsieur de Balachoff*, irradiava de tolo contentamento. Mas *royauté oblige*<sup>13</sup>: como rei e aliado, sentia a necessidade de falar com o mensageiro de Alexandre sobre assuntos de Estado. Apeou-se do cavalo e, pegando Balachov pelo braço e afastando-se alguns passos da comitiva que esperava respeitosamente, pôs-se a passear com ele para a frente e para trás, tentando falar significativamente. Mencionou que o imperador Napoleão se sentia ofendido com as exigências de retirar as suas tropas da Prússia, sobretudo agora que tal exigência se tornou do conhecimento de todos, o que ofendia a dignidade da França. Balachov disse que nada havia de insultuoso em tal exigência porque... Murat interrompeu-o:

— Acha então que o instigador não é o imperador Alexandre?  
— disse ele de rompante, com um sorriso benevolente e estúpido.

Balachov disse por que razão achava que o responsável pela guerra era na verdade Napoleão.

— *Eh, mon cher général* — voltou a interrompê-lo Murat —, *je désire de tout mon cœur que les Empereurs s'arrangent entre eux, et que la guerre commencée malgré moi se termine le plutôt possible*<sup>14</sup> — disse ele, naquele tom em que falam os criados que, apesar da zanga entre os seus respectivos amos, querem continuar amigos. E, com graça e espírito, passou a perguntar-lhe sobre o grão-príncipe, a recordar os tempos idos que passou com ele em Nápoles. Depois, como que lembrando-se de repente da sua dignidade real, Murat endireitou-se com solenidade, tomou a mesma pose que tivera na coroação e, abanando a mão direita, disse: — *Je ne vous retient plus, général, je souhaite le succès de votre mission*<sup>15</sup> — e, com o seu manto vermelho e as suas penas esvoaçando, com as jóias brilhando, foi juntar-se à comitiva que o esperava respeitosamente.

Balachov seguiu caminho, acreditando nas palavras de Murat de que seria recebido sem demora por Napoleão. Porém, em vez do encontro com Napoleão, voltou a ser travado pelas sentinelas do corpo de infantaria de Davout, tal como acontecera na linha avançada, perto da aldeia seguinte, sendo o ajudante-de-campo do comandante do corpo de infantaria, chamado pelas sentinelas, quem o levou à aldeia, à presença do general Davout.

---

<sup>13</sup> [...] a realeza cria obrigações (fr.).

<sup>14</sup> Eh, meu general [...], desejo de todo o coração que os imperadores se entendam entre si, e que a guerra, iniciada a meu despeito, termine o mais depressa possível (fr.).

<sup>15</sup> Não o demoro mais, general, desejo êxito para a sua missão (fr.).

## 5

Davout era o Araktchéev do imperador Napoleão — um Araktchéev nada covarde mas igualmente zeloso, cruel e que não sabia exprimir a sua abnegação que não fosse pela crueldade.

No mecanismo da organização estatal, tais pessoas são tão necessárias quanto o são os lobos no organismo da natureza, e existem sempre, aparecem sempre e mantêm-se sempre, por mais incongruente que pareça a sua presença e a sua proximidade junto do chefe de governo. Somente esta necessidade explica o facto de um cruel Araktchéev, que arranca com as próprias mãos os bigodes aos grana-deiros, que, por fraqueza de nervos, é incapaz de suportar o perigo, que é inculto e para quem a etiqueta da corte é uma coisa estranha, manter tão solidamente a sua posição junto de Alexandre, um homem de carácter nobre, cavaleiresco e meigo.

Balachov encontrou-se com o marechal Davout no barracão de uma isbá camponesa, sentado em cima de uma pipa e ocupado a escrever (verificava contas). A seu lado, em pé, estava um ajudante-de-campo. Era possível ter arranjado uma instalação melhor, mas o marechal Davout era daquelas pessoas que escolhiam de propósito as mais soturnas condições de vida para assim terem o direito de se mostrar sombrias. Com o mesmo objectivo, tais pessoas estão sempre ocupadas e com pressa. «Como posso pensar no lado feliz da vida quando, como vê, estou num barracão sujo a trabalhar, sentado em cima de uma pipa?» — dizia a expressão do seu rosto. O prazer e a necessidade principais de tais pessoas consiste em, ao depararem com uma vida animada, atirarem à cara de tal animação a sua actividade sombria e persistente. Davout deu-se a este prazer quando Balachov chegou junto dele. Mergulhou ainda mais no seu trabalho quando o general russo entrou e, olhando através dos óculos para o rosto de Balachov animado pela

sensação da bela manhã e pela conversa com Murat, não se levantou nem sequer se mexeu, mas carregou ainda mais o sobrolho e esboçou um sorriso maldoso.

Quando reparou na impressão desagradável que a sua recepção fez surgir no rosto de Balachov, Davout levantou a cabeça e perguntou com frieza o que desejava o senhor.

Supondo que Davout o tratava assim apenas porque ignorava que ele era o general ajudante-de-campo do imperador Alexandre e o representava perante Napoleão, Balachov apressou-se a dizer o seu título e a especificar a sua missão. Contra as suas expectativas, Davout, depois de o ouvir, tornou-se ainda mais severo e grosseiro.

— Então, onde está o sobrescrito? — perguntou. — *Donnez-le-moi, je l'enverrai à l'Empereur.*<sup>16</sup>

Balachov disse que tinha ordens para o entregar pessoalmente ao imperador.

— As ordens do seu imperador cumprem-se no seu exército, mas aqui — disse Davout — o senhor tem de fazer o que lhe mandam.

E, como que para fazer sentir ainda mais ao general russo a sua dependência da força bruta, Davout mandou o seu ajudante-de-campo buscar o oficial de dia.

Balachov pegou no sobrescrito contendo a carta do imperador e pô-lo em cima da mesa (uma mesa feita de uma porta, onde se notavam os gonzos arrancados, assente em duas pipas). Davout pegou na carta e leu o que estava no sobrescrito.

— Tem todo o direito de me tratar com respeito ou sem respeito — disse Balachov. — Mas permita que lhe diga que tenho a honra de ser portador do título de general ajudante-de-campo de sua majestade...

Davout olhou para Balachov em silêncio, e alguma emoção e embaraço que se liam no rosto deste deram-lhe um visível prazer.

— Ser-lhe-ão dadas as honras que merece — disse ele e, metendo o sobrescrito no bolso, saiu do barracão.

Um minuto depois entrou o senhor de Castries, ajudante-de-campo do marechal, levando Balachov para o alojamento que lhe fora preparado.

Balachov almoçou com o marechal no mesmo barracão, na mesma tábua em cima das pipas.

No dia seguinte, Davout, antes de partir de manhã cedo, chamou Balachov à sua presença e, falando gravemente, convidou-o a ficar ali, a deslocar-se com os comboios de transporte caso estes recebessem ordens para tal, e a não falar com ninguém a não ser o senhor de Castries.

---

<sup>16</sup> Dê-mo, enviá-lo-ei ao Imperador (fr.).

Após quatro dias de solidão, de tédio e da consciência da sua dependência e insignificância, ainda mais sensíveis depois do ambiente de poder em que estava habituado a viver, depois de várias etapas de viagem com os comboios de transporte do marechal e com as tropas francesas que invadiam todo o terreno, Balachov foi parar a Vilna, ocupada agora pelos franceses, entrando pelas mesmas portas da cidade por onde saíra quatro dias antes.

No dia seguinte, o *Kammerherr* do imperador, *Monsieur* de Turenne, foi ter com Balachov e transmitiu-lhe o desejo de o imperador o honrar com uma audiência.

No prédio para onde conduziram Balachov, onde quatro dias antes estavam sentinelas do Regimento Preobrajênski, estavam agora dois granadeiros franceses com fardas azuis abertas no peito e gorros felpudos, uma escolta de hussardos e ulanos e uma brilhante comitiva de ajudantes-de-campo, pajens e generais que, rodeando um cavalo de sela e o mameluco Roustan\*, aguardavam a saída de Napoleão. Napoleão ia receber Balachov na mesma casa de Vilna donde o general fora mandado por Alexandre.

## 6

Apesar de habituado à solenidade de uma corte, Balachov ficou impressionado com o luxo e a pompa da corte do imperador Napoleão.

O conde de Turenne acompanhou-o até uma grande sala de espera onde já aguardavam muitos generais, *Kammerherren* e personalidades polacas (muitos destes polacos tinha-os visto Balachov na corte do imperador russo). Duroc\* avisou-o de que o imperador Napoleão o receberia antes do seu passeio habitual.

Alguns minutos depois entrou na sala de espera o *Kammerherr* de serviço e, com uma vénia cortês, convidou Balachov a segui-lo.

Balachov entrou na antecâmara onde havia apenas uma porta dando para o gabinete, o mesmo em que o imperador russo lhe confiara a missão. Balachov ficou sozinho à espera uns dois minutos. Atrás da porta ouviram-se passos apressados. O *Kammerherr* abriu rapidamente os dois batentes e quedou-se, respeitoso, à espera; depois ouviram-se no gabinete outros passos, firmes, decididos: era Napoleão. Acabara de se arranjar para a equitação: farda azul, aberta, por cima de um colete branco que lhe cobria a barriga redonda, calças de montar brancas que lhe moldavam as coxas gordas das pernas curtas, botas à frederica. Tinha o cabelo curto acabado de pentear, mas uma madeixa caía-lhe para a testa ampla. O seu pescoço branco e gordo ressaltava bruscamente da gola preta da farda; cheirava a água-de-colónia. A sua cara cheia, de aparência jovem, com o queixo saliente, estava com aquela expressão imperial de quem recebe com majestade benevolente.

Entrou com um estremezimento a cada passo que dava e empinando ligeiramente a cabeça. Toda a sua figura entroncada, com os ombros largos e grossos, e a barriga e o peito espetados, espontaneamente, para fora, tinha aquele aspecto imponente e presunçoso dos

quarentões que levam uma vida de conforto. Via-se, além disso, que estava num dia de bom humor.

Em resposta à vénia profunda e respeitosa de Balachov limitou-se a acenar com a cabeça e, acercando-se dele, começou logo a falar, como quem dá alto valor a cada minuto do seu tempo e não condescende em preparar discursos, com a certeza de que dirá tudo o que é preciso dizer e com propriedade.

— Bom dia, general! — disse ele. — Recebi a carta do imperador Alexandre que o senhor trouxe e tenho muito prazer em conhecê-lo. — Olhou Balachov na cara com os seus olhos grandes e, logo a seguir, desviou-os e pôs-se a olhar em frente.

Era notório que não lhe interessava nada a personalidade de Balachov. Via-se que apenas lhe interessava o que se passava na *sua própria* alma. Tudo o que estivesse fora dele não tinha qualquer importância porque, segundo a sua ideia, tudo no mundo dependia apenas da sua vontade.

— Não desejo nem desejei a guerra — disse ele —, mas obrigaram-me a começá-la. Mesmo *hoje* (acentuou esta palavra) estou pronto a aceitar todos os esclarecimentos que o senhor me possa dar. — E começou, clara e sucintamente, a expor todos os motivos do seu descontentamento para com o governo russo.

Balachov, pelo tom reservadamente calmo e amigável com que falava o imperador francês, ficou firmemente convencido de que este desejava a paz e tencionava começar as conversações.

— *Sire! L'Empereur, mon maître* — começou Balachov o seu discurso, havia muito preparado, quando Napoleão, acabando de falar, olhou interrogativamente para o mensageiro russo; ora, o olhar do imperador espetado em Balachov embarçou-o. «Está confuso, recupere o ânimo», parecia dizer Napoleão ao observar, com um sorriso quase indistinto, a farda e a espada de Balachov. Balachov ganhou ânimo e começou a falar. Disse que o imperador Alexandre não considerava que a exigência de passaportes por parte de Kurákin fosse razão suficiente para começar uma guerra, que Kurákin procedera assim por sua própria iniciativa e sem o aval de sua majestade, que o imperador Alexandre não desejava a guerra e que a Rússia não mantinha quaisquer relações com a Inglaterra.

— Não mantém *por enquanto* — cortou Napoleão e, como se tivesse medo de se entregar ao sentimento, carregou o sobrolho e acenou ligeiramente com a cabeça, dando a entender a Balachov com este gesto que podia continuar.

Depois de ter exposto tudo o que lhe tinha sido mandado expor, Balachov disse que o imperador Alexandre desejava a paz mas não en-

cetaria conversações a não ser na condição de... Aqui, Balachov atrapalhou-se: lembrou-se das palavras que o imperador Alexandre omitira na carta mas que mandara Saltikov incluir, obrigatoriamente, no édito e que ele, Balachov, deveria transmitir a Napoleão. Balachov lembrava-se dessas palavras: «enquanto permanecer na terra russa um inimigo armado», mas um qualquer sentimento complexo conteve-o. Não conseguia repetir estas palavras, embora o quisesse fazer. Hesitou e disse: com a condição de as tropas francesas recuarem para lá do Niémen.

Napoleão reparou no embaraço de Balachov ao pronunciar estas palavras; estremeceu-lhe a cara, começou a tremer-lhe a barriga da perna esquerda. Sem se mexer do lugar, começou a falar num tom mais alto e rápido do que antes. Durante este discurso, Balachov, baixando várias vezes os olhos, observava involuntariamente o tremor na barriga da perna esquerda de Napoleão, tremor que se intensificava à medida que erguia a voz...

— Não desejo menos a paz do que o imperador Alexandre — assim começou Napoleão. — Não terei sido eu quem, durante dezoito meses, fez tudo para a obter? Estive dezoito meses à espera de esclarecimentos. E agora, para se encetar as conversações, o que exigem de mim? — disse isto carregando o sobrolho e fazendo um gesto enérgico com a sua mão pequena, branca e rechonchuda.

— Que as tropas recuem para lá do Niémen, Majestade — disse Balachov.

— Para lá do Niémen? — repetiu Napoleão. — Com que então, agora querem que recuemos para lá do Niémen... apenas do Niémen? — repetiu Napoleão, lançando um olhar frontal a Balachov.

Balachov inclinou respeitosamente a cabeça.

Em vez da exigência, apresentada quatro meses antes, de recuar da Pomerânia, a exigência era agora, apenas, a de recuar para trás do Niémen. Napoleão deu meia volta rápida e começou a passear pela sala.

— Diz o senhor que me exigem o recuo para trás do Niémen para que possam encetar-se as conversações; mas, dois meses atrás, exigiam-me para isso que recuasse para trás do Óder e do Vístula; apesar disso, estão de acordo, agora, em começar as conversações.

Passeou-se em silêncio de um canto ao outro da sala, até que voltou a parar em frente de Balachov. O seu rosto como que se empedernira na sua expressão severa, a perna esquerda tremia-lhe mais do que antes. Napoleão conhecia bem este seu tremor da barriga da perna esquerda. *La vibration de mon mollet gauche est un grand signe chez moi*<sup>17</sup> — viria a dizer mais tarde.

---

<sup>17</sup> A vibração da minha barriga da perna esquerda é em mim um grande sinal (fr.).

— Propostas como essa de desembaraçar o Óder e o Vístula podem ser feitas ao príncipe de Baden, não a mim — quase gritou Napoleão, inesperadamente para si mesmo. — Mesmo que me oferecessem Petersburgo e Moscovo, não aceitaria tais condições. Dizem que fui eu a desencadear a guerra? Mas quem se juntou primeiro ao exército? O imperador Alexandre, e não eu. Propõem-me conversações quando já gastei milhões, quando têm uma aliança com a Inglaterra e quando estão numa situação má... então é que me propõem conversações! Mas que objectivo tem a vossa aliança com a Inglaterra? O que vos deu ela? — Napoleão falava rapidamente, encaminhando já o seu discurso, por certo, não no sentido de expor as vantagens de um acordo de paz e de discutir essa possibilidade, mas apenas para provar a sua razão e a sua força e, concomitantemente, provar a falta de razão e os erros de Alexandre.

De início, na parte introdutória do seu discurso, ele tinha pelos vistos o objectivo de expor a vantagem da sua situação e mostrar que, apesar disso, aceitava a abertura de conversações. Mas, à medida que o seu discurso se alongava, cada vez menos se sentia capaz de o controlar.

Todo o sentido das suas palavras consistia já, pelos vistos, em apenas se sobrevalorizar e em insultar Alexandre, ou seja, fazer precisamente o contrário do que pretendia no início da audiência.

— Diz-se que a Rússia assinou a paz com os turcos, não é verdade?\*

Balachov inclinou afirmativamente a cabeça.

— A paz foi assinada... — começou Balachov. Mas Napoleão não o deixou continuar. Estava possuído, por certo, da necessidade de falar, de só ele falar, continuando a perorar com aquela eloquência e aquele descomedimento de irritação a que são tão propensas as pessoas mimadas.

— Sim, sei que acordaram a paz com os turcos sem receberem a Moldávia e a Valáquia. Ora, eu daria ao vosso imperador estas províncias, da mesma forma que lhe dei a Finlândia. Sim — continuava ele —, prometi e daria ao imperador Alexandre a Moldávia e a Valáquia, mas agora não terá essas maravilhosas províncias. Entretanto, teria podido juntá-las ao seu império e, no espaço de um reinado, estenderia a Rússia do Golfo de Bótnia à foz do Danúbio. Nem Catarina, a Grande, conseguiria fazer melhor — dizia Napoleão, andando pela sala cada vez mais exaltado, repetindo a Balachov quase as mesmas palavras que tinha dito a Alexandre em Tilsitt. — *Tout cela il l'aurait dû à mon amitié. Ah, quel beau règne! Quel beau règne!*<sup>18</sup> — repetiu várias vezes; depois parou, tirou do bolso uma cigarreira de ouro e aspirou com avidez uma pitada de rapé. — *Quel beau règne aurait pû être celui de l'Empereur Alexandre!*<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Teria tudo isso graças à minha amizade. Ah, que belo reino! Que belo reino! (fr.).

<sup>19</sup> Que belo reino *poderia* ser o do Imperador Alexandre! (fr.).



Deitou a Balachov um olhar cheio de compaixão, mas logo que Balachov quis fazer uma qualquer observação, apressou-se a interrompê-lo.

— O que poderia ele desejar e procurar que não encontrasse na minha amizade?... — disse Napoleão, encolhendo os ombros com perplexidade. — Mas não, achou mais conveniente rodear-se dos meus inimigos, e quem são eles? — continuou. — Chamou para junto de si os Stein, os Armfeldt, os Bennigsen, os Wintzingerode... Stein, um traidor expulso da sua pátria; Armfeldt, um depravado e um intriguista; Wintzingerode, um súbdito fugido de França; Bennigsen, um pouco mais militar do que os outros mas, mesmo assim, um inepto que não foi capaz de fazer nada em 1807 e que deveria despertar no imperador Alexandre recordações terríveis...\* Se eles, digamos, tivessem capacidades, poderiam ser utilizados — continuou Napoleão, mal conseguindo acompanhar com as palavras as considerações para demonstrar a sua força ou razão (a mesma coisa, no seu entender) que lhe surgiam em catadupas —, mas nem isso é possível: não têm qualquer préstimo, tanto para a paz como para a guerra. Barclay, segundo dizem, vale mais do que os outros, mas eu não diria isso, a julgar pela primeira actividade dele. E o que fazem eles? O que fazem todos esses cortesãos? Pfuhl faz propostas, Armfeldt objecta, Bennigsen analisa, e Barclay, que deveria agir, não sabe o que deve fazer, e assim se perde o tempo. O único verdadeiro militar é Bagration. É estúpido, mas tem experiência, olho certo e firmeza... E o papel que o vosso jovem imperador desempenha no meio desta cáfila monstruosa! Comprometem-no e lançam para cima dele a responsabilidade por tudo o que acontece. *Un souverain ne doit être à l'armée que quand il est général*<sup>20</sup> — disse ele, lançando estas palavras como um desafio directo à cara de Alexandre. Napoleão sabia que o imperador Alexandre desejava muito ser cabo-de-guerra.

— Há já uma semana que começou a campanha e não soubestes defender Vilna. As vossas tropas estão cortadas em duas partes e foram expulsas das províncias polacas. O exército russo está descontente...

— Pelo contrário, vossa majestade — disse Balachov, que mal conseguia registar na memória o que lhe era dito e que seguia com dificuldade este fogo-de-artifício de palavras —, as tropas ardem de desejo...

— Sei tudo — interrompeu-o Napoleão —, sei tudo e conheço o número dos vossos batalhões com tanta exactidão como o dos meus. Nem duzentos mil efectivos tendes, e eu tenho o triplo. Dou-lhe a

---

<sup>20</sup> Um soberano só deve estar no exército quando é general (fr.)

minha palavra de honra — disse Napoleão, esquecendo que a sua palavra pudesse não ter qualquer valor —, dou-lhe *ma parole d'honneur que j'ai cinq cents trente mille hommes de ce côté de la Vistule*.<sup>21</sup> Os turcos não vos servirão de ajuda: não prestam e, ao fazerem as pazes convosco, provaram isso mesmo. Os suecos... o destino deles é serem governados por reis loucos. O rei deles era louco; substituíram-no por outro, Bernadotte, que logo enlouqueceu também, porque, sendo sueco, só um doido pode aceitar a paz com a Rússia. — Napoleão esboçou um sorriso maldoso e voltou a levar a tabaqueira ao nariz.

A cada uma das frases proferidas por Napoleão, Balachov queria objectar e tentava fazê-lo: de vez em quando fazia o gesto de quem quer intervir, mas Napoleão interrompia-o. Por exemplo, quanto à loucura dos suecos, Balachov pretendia dizer que a Suécia, quando a Rússia aliada a cobria, se tornava uma ilha, mas Napoleão soltou um grito irritado para lhe abafar a voz. Napoleão estava naquele estado de irritação em que lhe era necessário falar, falar e falar, apenas para provar a si mesmo que tinha razão. Balachov começava a sentir-se desconfortável: como embaixador, temia perder a dignidade e sentia a necessidade de contra-argumentar; porém, como homem, encolhia-se moralmente perante a exaltação da ira injustificada em que se encontrava Napoleão. Sabia que toda aquela catadupa de palavras que Napoleão soltava não tinha qualquer peso e que este, quando caísse em si, teria vergonha de a ter proferido. Balachov estava de olhos baixos, olhando para os movimentos das pernas gordas de Napoleão e evitando-lhe o olhar.

— Quero lá saber dos vossos aliados! — dizia Napoleão. — Os meus aliados são os polacos: oitenta mil homens que combatem como leões. E serão duzentos mil.

E, por certo mais indignado ainda por ter dito uma mentira evidente e por Balachov continuar postado à sua frente numa atitude de resignação perante o destino, Napoleão virou-se bruscamente e, quase encostando a cara à de Balachov e fazendo gestos enérgicos e rápidos com as suas mãos brancas, gritou:

— Ficai sabendo que, se instigardes a Prússia contra mim, apago-a do mapa da Europa — disse, com a cara muito pálida desfigurada de raiva, batendo com uma mão na outra num gesto enfático. — Sim, empurro-vos para lá do Dviná, para lá do Dniepre e restabeleço a barreira que a Europa, criminosa e cega, permitiu derrubar.\* Será o que vos acontecerá, será o que ganhastes afastando-vos de mim — disse

---

<sup>21</sup> [...] a minha palavra de honra de que tenho quinhentos e trinta mil homens deste lado do Vístula (fr.).

ele e, em silêncio, recomeçou a andar pela sala, estremecendo os ombros gordos. Meteu a tabaqueira no bolso do colete, voltou a tirá-la, levou-a várias vezes ao nariz e parou em frente de Balachov. Ficou ainda calado durante um pouco de tempo, olhou Balachov nos olhos com ironia e disse em voz baixa: — *Et cependant, quel beau règne aurait pu avoir votre maître!*<sup>22</sup>

Balachov, sentindo que deveria replicar, disse que, da parte da Rússia, a situação não se afigurava sob aquele aspecto sombrio. Napoleão calava-se, continuando a olhar para ele com ironia e, pelos vistos, sem o ouvir. Balachov disse que se esperava que a guerra fosse bem-sucedida para a Rússia. Napoleão acenou com condescendência, como quem diz: «Sei que é sua obrigação falar assim, mas o senhor não acredita nisso, pois já o convenci.»

No final das palavras de Balachov, Napoleão voltou a tirar a tabaqueira, cheirou o rapé e, como sinal, bateu duas vezes com o pé no chão. A porta abriu-se, e um *Kammerherr*, dobrando-se com respeito, chegou ao imperador o chapéu e as luvas; outro estendeu-lhe um lenço de bolso. Napoleão, sem olhar para eles, dirigiu-se a Balachov:

— Assegure ao imperador Alexandre, em meu nome, que a minha dedicação por ele continua como dantes — disse ele, pegando no chapéu. — Conheço-o muito bem e dou grande valor às suas qualidades. *Je ne vous retiens plus, général, vous recevrez ma lettre à l'empereur.*<sup>23</sup> E Napoleão dirigiu-se rapidamente para a porta. Da sala de espera toda a gente se precipitou para a frente e pelas escadas abaixo.

---

<sup>22</sup> E, no entanto, que belo reino *poderia ter* o seu monarca! (fr.)

<sup>23</sup> Não o retenho mais tempo, general, receberá a minha carta para o imperador (fr.).